



*Cara Gente Branca* (2017-atual). Produção: Netflix. Fonte: divulgação.

## Colorismo e negritude em *Cara Gente Branca*

Isadora Ebersol

Mestra em Artes Visuais pela Universidade Federal de Pelotas e Bacharela em Cinema e Animação pela mesma instituição.

**Resumo:** Este artigo visa lançar um primeiro olhar sobre a narrativa ficcional seriada norte-americana *Cara Gente Branca* (*Dear White People*, Justin Simiens, 2017-presente) a partir de uma abordagem que discute questões de raça, cor e negritude propondo uma interlocução entre debates contemporâneos em torno da temática racial e como se articulam narrativamente dentro da primeira temporada da série. Para isso, este trabalho faz um recorte na construção das personagens Coco Conners e Samantha White, partindo do conceito de colorismo \ pigmentocracia para explorar a forma com que cada uma lida com as questões raciais.

**Palavras-chave:** Raça; Cor; Colorismo; Negritude; *Cara Gente Branca*.

**Abstract:** This article aims to launch a first look at a fictional TV show *Dear White People* (Justin Simiens, 2017-present) from an approach that discusses issues of race, color and blackness by proposing an interplay between contemporary debates around the racial theme and how they articulate narratively within the first season of the TV show. Therefore, this work makes a cut in the construction of the characters Coco Conners and Samantha White, starting from the concept of colorism \ pigmentocracia to explore the way in which each one deals with as racial issues.

**Keywords:** Race; Color; Colorism; Blackness; Dear white people.

### INTRODUÇÃO

Baseado no filme homônimo premiado em 2014 no Festival Sundance, *Cara Gente Branca* (2017-presente) é uma produção original do serviço de *streaming* Netflix que utiliza como pano de fundo a vida de alunos e alunas de uma Universidade frequentada predominantemente por pessoas brancas para tecer uma sátira

sobre a América “pós-racial”<sup>1</sup>. A história acompanha durante os 10 episódios que compõem a primeira temporada da série, um grupo de alunos(as) negros(as) da Universidade de Winchester enquanto tentam encontrar sua própria identidade e suas próprias formas de luta por igualdade em meio a confrontos ideológicos, tensões raciais e as mais variadas situações de discriminação vividas por eles(as) no campus, que funciona como um microcosmos da tensão racial nos Estados Unidos.

O seriado criado por Justin Simien, também diretor do filme de 2014 no qual a série foi baseada, foi motivo de boicote ao serviço logo após a rede divulgar seu primeiro *teaser*<sup>2</sup> em fevereiro de 2017. Alguns clientes que cancelaram suas contas no serviço alegaram nas redes sociais que a série de TV era racista e promovia o genocídio de pessoas brancas. No Twitter um movimento de pessoas que se sentiram ofendidas pela série levantou *hashtags*<sup>3</sup> de protesto como *#NoNetflix* e *#BoycottNetflix*<sup>4</sup> (Figura 1).

<sup>1</sup> Ideia emergente após a eleição de Barack Obama como presidente dos EUA em 2008 na qual acredita-se que discussões raciais e ações afirmativas deixam de ser necessárias, pois o racismo e as diferenças raciais estariam sendo superadas na sociedade atual.

<sup>2</sup> Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=1LzggK5DRBA> Acesso em: mai de 2017.

<sup>3</sup> *Hashtags* são palavras ou frases colocadas como rótulos (*Tag*, em inglês) e precedidas pelo símbolo # (*Hash*). Popularizaram-se nas redes sociais, em especial através do *microblogging* Twitter como forma de conectar mensagens com um mesmo conteúdo em qualquer lugar de onde forem escritas. *Hashtags* têm servido especialmente para protestos online que visam dar notoriedade a um mesmo assunto mencionado por vários usuários de diferentes locais do mundo, colocando-as nos *Trending Topics* (tópicos de maior tendência), uma espécie de pódio online dos assuntos mencionados com maior frequência no site.

<sup>4</sup> *#SemNetflix* e *#BicoteNetflix*, respectivamente (tradução da autora).



Figura 1: Captura de tela de usuário do Twitter que diz: “A Netflix anunciou uma série anti-brancos (Dear White People) que promove o genocídio branco. Eu cancelei minha conta. Faça o mesmo. #NoNetflix”. Fonte: Captura de Tela\Twitter

O vídeo promocional de 35 segundos divulgado no canal oficial da Netflix norte-americana no site *Youtube* em 8 de fevereiro conta até o momento da escrita deste artigo, em maio de 2017, com 4.946.047 visualizações, 57.961 avaliações positivas e 421.657 avaliações negativas dos usuários do site. As avaliações negativas representam cerca de 87% do total de avaliações do vídeo. Comparativamente, *13 Reasons Why* (Brian Yorkey, 2017-presente), série ficcional produzida pela Netflix que também aborda temas polêmicos como suicídio adolescente e violência sexual teve até o momento 1.342.841 visualizações 16.346 avaliações positivas e

324 avaliações negativas no *teaser*<sup>5</sup> publicado pelo canal da Netflix no *Youtube* em 25 de janeiro. Estes números representam em torno de 2% de avaliações negativas do total de avaliações do vídeo de 50 segundos. O mesmo padrão continua inalterado nas avaliações<sup>6</sup> do *trailer* oficial<sup>7</sup> de *13 Reasons Why* com aproximadamente 2% de avaliações negativas enquanto que *Cara Gente Branca* ainda mantém uma porcentagem alta de avaliações<sup>8</sup> negativas no seu *trailer* oficial<sup>9</sup>, com cerca de 66%. Evidentemente uma análise mais aprofundada destes e outros dados forneceriam uma avaliação melhor das possíveis causas da recepção negativa da série antes mesmo de sua estreia. No entanto, empiricamente e no que concerne este artigo, estes dados servem justamente para demonstrar o motivo pelo qual é importante assistir, debater e refletir sobre *Cara gente branca*.

Este artigo busca trabalhar algumas noções de raça, identidade racial e negritude a partir, primordialmente, do trabalho do antropólogo brasileiro-congolês e professor Kabengele Munanga (1992; 2000) e do professor do departamento de Sociologia da USP Antonio Sérgio Alfredo Guimarães (2003). Busco estabelecer um diálogo entre estes conceitos e a noção de colorismo\ pigmentocracia, muito utilizada no movimento negro a partir da militante feminista negra Aline Djokic (2015). Para isso, o trabalho é recortado na construção e relação de duas personagens da série, Coco Connors e Samantha White, que engendram importantes debates em torno da temática racial e diferentes mecanismos pessoais na luta pela igualdade.

5 Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=3zeeVE6-aZ4> Acesso em: mai de 2017.

6 O trailer oficial de *Os 13 Porquês* conta com 8.453.609 visualizações, 95136 avaliações positivas e 1891 avaliações negativas até o momento de escrita deste artigo.

7 Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=JebwYGn5Z3E> Acesso em: mai de 2017.

8 O trailer oficial de *Cara gente branca* possui 1.428.294 visualizações, 18061 avaliações positivas e 35261 avaliações negativas até o momento.

9 Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=oYKgHvPVACE> Acesso em: mai de 2017.

O discurso dos clientes que cancelaram suas contas no serviço de *streaming* depois da divulgação da série é chocante e incômodo para qualquer um que esteja em contato com os debates contemporâneos em torno da temática racial e que se posicione contra o racismo. No entanto, ele é também a lembrança real de que o racismo ainda avança, apesar da constante luta por representatividade na mídia e no audiovisual. A discrepância destes dados e a movimentação de pessoas ofendidas com o conteúdo dos vídeos nas redes sociais são reais e são o motivo deste artigo existir. Me coloco, no entanto, ciente do meu local de fala como pessoa branca que nunca vivenciou o racismo que ataca e violenta pessoas negras diariamente e este artigo surge como parte de minha percepção enquanto espectadora e pesquisadora na área do audiovisual. Mais importante que isso, tenho a consciência de que a série fala diretamente comigo, cara espectadora branca e em como estou, também, vinculada às estruturas sociais racistas que discriminam e oprimem.

## CARA GENTE BRANCA COM FACES NEGRAS: BLACKFACE E NEGRITUDE

O estopim dos conflitos raciais na universidade e ponto de partida da narrativa é uma festa de *Halloween* (Figura 2) promovida por um grupo de alunos(as) brancos(as) em que a temática é o *blackface*, prática em que pessoas brancas pintam o rosto para representarem negros(as). Samantha White (Logan Browning) é uma jovem negra estudante de audiovisual que apresenta um programa na rádio estudantil comunitária chamado *Cara gente branca*, canal pelo qual ela expõe satiricamente os privilégios brancos e situações de discriminação contra negros que ocorrem no campus, dos mais explícitos aos mais simbólicos. A indignação com a festa (que carrega o nome de *Cara gente negra*, em um nítido confronto ao programa de rádio de Sam) faz com que a estudante se manifeste no seu programa, no primeiro episódio da série, dizendo: “Cara gente branca, esta é uma lista de fantasias aceitáveis de dia das bruxas: pirata, enfermeira vadia, qualquer um dos primeiros 43 presidentes. A principal das fantasias inaceitáveis: eu”.



Figura 2: Fantasias da festa de Halloween com temática Blackface. Fonte: Captura de Tela\Youtube

O *blackface* é uma prática de caracterização teatral que se popularizou durante o século XIX, primordialmente nos Estados Unidos. Os comediantes pintavam o rosto e corpo de preto com intenção de representarem satiricamente personagens afro-americanos, numa espécie de show de comédia que se converteu em uma das mais conhecidas expressões da cultura popular nos EUA daquela época, os chamados “*minstrel shows*” (shows de menestréis). Neste tipo de representação tanto o corpo negro quanto características que são culturalmente atribuídas aos afro-americanos serviam de entretenimento e objeto de consumo, sendo responsáveis por muitos dos estereótipos raciais que circulam até hoje no imaginário comum sobre o negro na sociedade norte-americana (CHINEN, 2013; MONTIEL, 2015). Dessa forma, o *blackface* atuava em uma via de mão dupla: não somente perpetuava estereótipos raciais, como também impedia que atores e atrizes negras ocupassem esses papéis e representassem a si mesmos, preservando, assim, os

espaços de poder brancos. Transportada para o cinema, a prática fez parte de importantes produções como *O nascimento de uma nação* (*The birth of a nation*, D. W. Griffith, 1915)<sup>10</sup> e *O cantor de Jazz* (*The Jazz Singer*, Alfred A. Cohn, 1927)<sup>11</sup>.

O *blackface* é hoje considerado uma prática racista, o que não impede, no entanto, que esteja ainda culturalmente presente em vários lugares (a representação da “nega maluca” no carnaval brasileiro, por exemplo), dentre eles as festas e calouradas universitárias, como mostra a série. Quando Sam frisa que a principal das fantasias inaceitáveis de dia das bruxas é *e/a*, está ressaltando que seu corpo não é um personagem, não pode ser transformado em produto de uma sub-representação que tende a reproduzir estereótipos prejudiciais e reduzir sua raça e sua vivência a uma fantasia.

Com sua câmera *Super 8* na mão apontada como uma arma (Figura 3), Sam flagra Coco Conners (Antoinette Robertson) chegando na festa de *halloween*. Coco, que está usando uma peruca de cabelos loiros ondulados (Figura 4) se defende:

O que foi? Quer lutar por liberdade? Vá em frente. Pode ser um choque para você, mas eles estão cagando e andando para a Harriet Tubman. Gastam milhões com lábios, bronzamento, bunda, ingressos para ver o Kanye porque querem ser como nós. Podem ser por uma noite. Não vou protestar contra uma festa de dia das bruxas, porra!

<sup>10</sup> Apesar de ser considerado marco da história do cinema, em especial pela sua inovação técnica e aprimoramento da linguagem cinematográfica da época, o filme de Griffith é hoje reconhecido pelo seu alto teor racista na representação da Guerra da Secessão os EUA, sendo apontado, inclusive, como estímulo ao segundo surgimento da Ku Klux Klan no mesmo ano da estreia do filme.

<sup>11</sup> Em *O cantor de Jazz*, primeiro filme falado que se tem registro, Al Jonson tem seu rosto pintado de preto para interpretar Jack Rabinowitz, protagonista do musical que teve forte influência dos *minstrel shows* norte-americanos.

Este é um dos momentos que aprofundam a diferença na perspectiva sobre raça que separam as duas personagens, como pontua o narrador da série logo na sequência.



Figura 3: Sam na festa *Blackface*. Fonte: Captura de tela\Netflix Figura 4: Coco na festa *Blackface*.



Fonte: Captura de Tela\Netflix.

Para Munanga (1992) o negro se familiariza com o retrato que dele é forjado, interiorizando esse retrato. No sentido contrário, há um movimento de retomada de si, de afirmação cultural, moral e física. “A essa retomada, a essa afirmação dos valores da civiliza-

ção do mundo negro deu-se o nome de ‘negritude’” (MUNANGA, 1992, p. 111). A alegorização da negritude, como acontece no *blackface*, acaba por aniquilar a complexidade dos sujeitos, achatando-os e desumanizando-os. É por este motivo que estereótipos raciais são tão prejudiciais, pois destituem os sujeitos de toda a complexidade e nuances que envolvem ser humano, possuir um corpo racializado dentro de uma determinada cultura. Desumanizar um grupo de pessoas dentro de uma sociedade significa tirar seu valor como sujeito, justificando discriminações, desvalorizações, humilhações e opressões.

O conceito de negritude, segundo Munanga, surgiu em Paris na década de 1930 entre os intelectuais negros da época e acabou se dissipando pelas Américas, sendo assimilado nos círculos de militância negra. Nesse contexto, a negritude se afirma como uma reação de legítima defesa contra a agressão racial branca e passa a ter caráter político-ideológico, servindo de base para a criação de uma identidade racial negra unificadora. A construção da identidade afro-brasileira ou afro-americana perpassa - de acordo com Munanga - dois tipos de memória: aquela memória dos acontecimentos vividos pelo próprio sujeito dentro do segmento social ao qual ele pertence e aquela herdada, fornecida pela socialização e que retoma um passado e uma história em comum desse grupo. O sentimento de pertencer a uma determinada coletividade é uma apropriação desses dois tipos de memórias. Nos conteúdos dessa memória, a militância negra retém a negritude como base para a formação de uma identidade contrastiva negra em oposição à identidade do opressor (MUNANGA, 1992). Essa identidade racial funciona como meio unificador de mobilização política em torno de uma luta comum por igualdade de direitos.

Nesta mesma direção, Hall (2000) vai referir-se à identidade como sendo um ponto de encontro, ou ponto de sutura, entre discursos que nos convocam a assumir nossos lugares de sujeitos sociais e de outro lado processos de subjetivação que nos constroem como sujeitos. As identidades para Hall são “pontos de apego temporário às posições-de-sujeito que as práticas discursivas constroem para nós” (HALL, 2000, p. 112), são posições que o sujeito é “obrigado” a assumir - nas quais ele precisa também estar comprometido - mesmo que se tratem de representações e que essas

representações sejam muitas vezes produzidas a partir do lugar do Outro – no caso, do Outro-branco. Uma das discussões centrais sobre as identidades, portanto, é como elas se relacionam com os sistemas de representação e de que forma elas são construídas no interior de estruturas discursivas específicas. O conceito de representação tem uma longa história pela qual é possível verificar uma multiplicidade de significados, porém no que toca esse artigo, representação pode ser compreendida “como qualquer sistema de significação, uma forma de atribuição de sentido” (SILVA, 2000, p. 91). É por meio da representação que damos sentido àquilo que somos. Segundo Woodward: “Os discursos e os sistemas de representação constroem os lugares a partir dos quais os indivíduos podem se posicionar e a partir dos quais podem falar” (2000, p. 17). A proliferação de representações racistas acaba afetando diretamente o modo como um sujeito é visto e, por conseguinte, como ele próprio se vê ocupando um lugar nessa sociedade. É precisamente porque as identidades são produzidas dentro das estruturas discursivas e em locais históricos e institucionais específicos que precisamos compreender que elas estão ligadas e emergem no interior dos sistemas de poder e, principalmente, compreender quem detém o poder da representação.

*Cara gente branca* contorna o sistema de poder branco sobre a representação negra, não somente criticando práticas racistas como o *blackface*, mas produzindo, em contrapartida, representações múltiplas, nuances de identidade e profundidade na construção dos personagens. Atua, portanto, na contramão do discurso hegemônico que reduz a representação de personagens negros no audiovisual e na cultura.

## SAM E COCO, RAÇA E COLORISMO

De acordo com Munanga, é fundamental compreender por onde passam os discursos sobre a identidade negra, cuja base é a negritude. Para o autor, esses discursos passariam pela cultura e fundamentalmente pela cor da pele, visto que “a alienação do negro tem-se realizado pela inferiorização de sua cultura e de seu físico” (MUNANGA, 1992, p. 114). No séc. XVIII a cor da pele foi um critério fundamental na classificação da diversidade humana (MUNANGA,

2000, p. 19). Apesar de arbitrário, já que menos que 1% da genética de um indivíduo está implicada na definição da cor de pele, olhos e cabelo (MUNANGA, 2000, p. 20), este é um critério que opera social e empiricamente até hoje.

O racismo é a crença não só na existência de raças, como na relação intrínseca entre características físicas e biológicas com características morais, intelectuais e culturais que o racista julga serem inferiores. Na biologia o conceito de raça se tornou cientificamente inoperante, na medida em que pesquisas mostraram, no século XX, que dois indivíduos da mesma raça podem ter patrimônios genéticos mais distantes que dois indivíduos de raças diferentes. É tão arbitrário como classificar a diversidade humana racialmente a partir da estatura. No entanto, a crença na existência de raças saiu do âmbito científico e adentrou o tecido social. Acabou, dentre outras coisas, justificando o Nazismo e o Holocausto. O conceito de raça como utilizamos hoje, portanto, não é um conceito biológico, mas tem seu uso justificado pela realidade social e pelas relações de poder e dominação estabelecidos por ela. Nas palavras de Munanga:

Se na cabeça de um geneticista contemporâneo ou de um biólogo molecular a raça não existe, no imaginário e na representação coletivos de diversas populações contemporâneas existem ainda raças fictícias e outras construídas a partir das diferenças fenotípicas como a cor da pele e outros critérios morfológicos. É a partir dessas raças fictícias ou ‘raças sociais’ que se reproduzem e se mantêm os racismos populares (2000, p. 22).

Neste mesmo sentido, para Guimarães (2003) as raças são construções sociais que devem ser estudadas pela sociologia, pois só existem no campo da cultura como efeito de discursos. O conceito de raça, portanto, não reflete uma realidade biológica, mas sim um discurso que ordena a vida social. Para ele a categoria de cor é orientada por essa mesma ideia, ou seja:

A classificação das pessoas por cor é orientada por um discurso sobre qualidades, atitudes e essências transmitidas por sangue, que remontam a uma origem ancestral comum numa das 'subespécies humanas' (GUIMARÃES, 2003, p. 103).

Colandrea “Coco” Conners e Samantha White são duas personagens que trazem a tona um tema emergente nos debates sobre raça, centrado na cor da pele: o colorismo ou pigmentocracia. Resumidamente, o colorismo quer dizer que quanto mais escura for a pele de uma pessoa, mais chances ela tem de sofrer discriminação em relação a pessoas de pele mais clara. Entre Sam e Coco, este assunto ganha importância em especial durante o quarto episódio da série, que mostra que duas personagens, aparentemente inimigas, tiveram uma relação intensa de amizade quando eram calouros na universidade. O episódio é centrado no desenvolvimento dessa relação, especialmente em como o processo de construção identitária de cada uma e suas visões ideológicas sobre as questões raciais as afastaram. É importante frisar que até esse momento as duas personagens são construídas como o contraponto uma da outra: Coco, de pele mais escura, busca desde o princípio ser assimilada pelos espaços e círculos sociais brancos. Desde o princípio odeia a ideia de entrar para a casa Armstrong\Parker - onde estão a maioria dos estudantes afro-americanos da universidade - alisa o cabelo e posteriormente coloca *megahair* com a intenção de ser chamada para festas de outras fraternidades, buscando atrair a atenção masculina. Sam, de pele mais clara que Coco e olhos também claros procura afirmar sua negritude e seu lugar no movimento negro, lutando abertamente contra o racismo e as situações de opressão racial no campus.

É fácil, até esse momento, que o espectador deixe-se levar pela ideia de uma Coco submissa em busca de aprovação. No entanto, *Cara gente branca* evita cair em maniqueísmos não elencando maneiras certas e erradas de lidar com a opressão e é neste episódio que a força da personagem e suas motivações pessoais ficam evidentes. O conflito entre as duas começa quando Sam faz um pronunciamento em seu programa de rádio que ela chama de “acordado ou não acordado”. Nele Sam cita alguns personagens e

diz se eles estão acordados ou não para as opressões raciais vividas pelos negros no campus. Uma das personagens citadas por Sam é Coco por ela ter comparecido à festa *blackface*. Coco vai até a emissora de rádio tirar satisfações de Sam, acusando-a de difamar outras mulheres negras em seu programa. Quando Sam se defende dizendo que ela difama quem precisa ser difamado se for trazer a verdade às massas, Coco responde: “Imagina a reação se a sua revolução divisória e idiota viesse da boca de uma negra de verdade.” e continua “Você se safa por ser mais parecida com eles do que eu. É o privilégio de sua pele clara. Até reconhecer isso, não fale de quem está acordado ou não.”

Quando se fala em colorismo, termo que foi inicialmente utilizado por Alice Walker em 1982 no ensaio “If the present looks like the past, what does the future look like” originalmente publicado no livro “In Search of our Mother’s Gardens” (DJOKIC, 2015), se quer dizer que ainda que pessoas como Sam sejam reconhecidas como negras pela sociedade, elas carregam privilégios em detrimento de negras(os) de pele mais escura, o que Coco chama de “privilégio de pele clara”. Não quer dizer que Sam seja considerada branca ou esteja de fora da estrutura racista e discriminatória que rege a sociedade e do qual ele é vítima, no entanto, como destaca Aline Djokic, pessoas negras de pele mais clara são toleradas - não aceitas - mais facilmente em meios brancos. Para Djokic isso se deve à construção de uma tolerância ao sujeito negro com base no mimetismo, onde a branquitude aceita o negro(a) quanto maior proximidade com pele e fenótipos europeus ele(a) tiver. Alisamento do cabelo ou mesmo clareamento de pele são formas miméticas de camuflar a presença da negritude para poder sobreviver nessa sociedade. É dessa forma que Coco aprendeu a lidar com a opressão e a série procura demonstrar que este é um comportamento que tem raízes nas vivências e discriminações sofridas anteriormente pela personagem. Mesmo quando aparece na festa com temática *blackface*, Coco contraditoriamente usa uma peruca loira, demonstrando que até mesmo em uma festa que por definição exige um exagero de traços negros, ela recorre à estética da branquitude como caracterização.

A partir da discussão de Sam e Coco, o episódio começa a mostrar o relacionamento entre elas desde a chegada na universidade, até

os conflitos atuais da série. Fica clara a mudança na construção visual das personagens e em como se tornaram o contraponto uma da outra, principalmente na forma com que expressam a negritude, em especial através do cabelo. A Sam da recepção de calouros (Figura 5) usa o cabelo alisado com ondas e a sua primeira aparição com cabelo crespo (Figura 6) é após a notícia da morte de Caleb Jones, adolescente negro de 17 anos assassinado por policiais.



Figura 5: Sam na recepção dos calouros com cabelo liso\ondulado. Fonte: Captura de tela\Netflix.



Figura 6: Sam em reunião de alunos após a notícia da morte de um jovem negro. Primeira aparição com cabelo crespo\natural. Fonte: Captura de tela\Netflix.

Este momento é marcado pelo início da participação de Sam na militância, com uma primeira fala pública sobre o caso. O conflito que rompe com a amizade das duas começa no mesmo momento em que Sam está mudando o penteado para aquele que acompanha a personagem até o fim da série, ocasião que coincide com sua entrada definitiva para a União dos Alunos Negros de Winchester. O volumoso topete feito com tranças *Marley Twists*<sup>12</sup> (Figura 7) combina com a postura que Sam vai adotar a partir de então, mais combativa e provocadora. Além da caracterização do cabelo, a mudança no figurino acompanha o maior envolvimento de Sam na militância e maior afirmação da negritude, utilizando cores mais vibrantes, roupas mais despojadas, estampas e texturas de referência afro (Figura 8).

Figura 7: Penteado que acompanha Sam durante a maior parte dos episódios. Fonte: Captura de Tela\Netflix.



<sup>12</sup> Estilo de trança feita com duas mechas enroladas.



Figura 8: Montagem mostrando a mudança na caracterização do cabelo e figurino de Sam na medida que se envolve com a militância. Fonte: Captura de Tela\Netflix

Coco é uma das personagens de construção mais complexa e cheia de nuances da série e o seu visual acompanha sua evolução e conflitos internos. Um *flashback* mostra Coco criança na escola indo brincar com uma boneca branca, momento em que chega outra menina negra de pele mais clara tirando a boneca das mãos de Coco: “Não, você fica com a boneca feia”. Coco, então, pega a boneca negra na caixa. Esta cena marca o início da relação da

personagem com sua negritude e os valores sociais que ela carrega. Ao chegar na universidade, usa cabelo curto e alisado, em um visual mais discreto (Figura 9).



Figura 9: Cabelo de Coco no primeiro ano da universidade. Fonte: Captura de tela\Netflix.

A partir do momento em que decide chamar atenção de Troy Fairbanks (Brandon P. Bell) - filho do reitor e candidato à presidente do Corpo Estudantil - passa por um doloroso processo para colocar extensões capilares. O cabelo comprido, liso e com ondulações modeladas marca a caracterização da personagem até quase o final da série, período em que Coco está mais preocupada com sua ascensão social e sensualidade (Figura 10). A última mudança ocorre nos episódios finais, quando, já em um relacionamento com Troy, deixa a peruca cair e ganha confiança ao ser elogiada por ele. A partir de então, Coco começa a usar seu cabelo natural\crespo (Figura 11), o que coincide também com uma maior participação dela na imagem política da universidade, acompanhando Troy em eventos com apoiadores financeiros e, posteriormente, sobressaindo-se a ele ao conquistar um espaço de liderança diplomática frente à reitoria no comando do tenso debate com os alunos e contenção dos protestos da União dos Alunos Negros. Ao terminar o relacionamento com Troy, Coco deixa claro, no entanto, que se arrepende de ter aberto mão do seu cabelo por ele, o que demonstra um entendimento da personagem de que o empoderamento não deve acontecer em busca de aprovação masculina.



Figura 10: Coco com extensão capilar. Fonte: Captura de Tela\Netflix



Figura 11: Coco com cabelo natural\crespo. Fonte: Captura de tela\Netflix.

Djokic ressalta que o colorismo pode gerar rivalidade inclusive dentro da comunidade negra, alimentando a falsa ideia de que uns seriam “menos negros” que outros de pele mais escura. Isso levaria, inclusive, pessoas negras de pele clara a duvidarem de sua negritude ou demorarem mais tempo para reconhecerem-se como negras. Na discussão que acabou com a amizade de Sam e Coco isso fica claro quando Coco fala que Sam não sabe nem mesmo quem ela é:

Não sabe, não, mas eu sei. É a garota que não sabia que era negra até a Beth Wheeler não chamar você para a festa do pijama, porque você seria a ‘única’. Para mim não há confusão. As pessoas olham para a minha pele e acham que sou pobre, sem formação ou vagabunda, por isso eu tento disfarçar e entrar para a irmandade. Qual o problema nisso? Cara gente branca, vocês me fizeram me odiar na infância então agora eu odeio vocês e essa é a minha verdade secreta.

A fala de Coco deixa evidente o quanto a cor da sua pele representa uma relação hierárquica direta entre características físicas e morais a partir de um esquema ideológico de dominação e exclusão com base nas raças.

No campo afetivo, a mulher negra de pele escura está ainda mais exposta à rejeição e à solidão. A série trabalha essa questão ao retratar como Coco acaba sozinha enquanto suas amigas brancas conseguem pares em uma festa. Posteriormente, ao relacionar-se com Troy que já havia tido um relacionamento público com Sam, a garota comenta: “É por isso que eu não transo com negros. Vocês assumem garotas como a Sam, mas comigo é escondido”. O colorismo agrava ainda mais a discriminação com base nos padrões eurocêntricos de beleza, em especial para mulheres.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

É compreensível que *Cara gente branca* tenha causado revolta antes mesmo de sua estreia, afinal, é desconfortável para uma sociedade que está acostumada a generalizar negros com base em estereótipos raciais, que se faça o mesmo com pessoas brancas, assim como diz Sam em seu programa de rádio no final do primeiro episódio:

Cara gente branca, nossa! Estão tentando mesmo. Entendo que ser reduzido a uma generalização com base em raça é

uma experiência nova e devastadora para alguns de vocês, mas esta é a diferença: minhas piadas não prendem seus jovens em níveis alarmantes, nem tornam perigoso você andar no próprio bairro, mas as de vocês sim. Quando zombam ou nos menosprezam, vocês reforçam um sistema existente. Policiais olhando para um negro segurando uma arma não veem um ser humano. Eles veem uma caricatura. Um bandido. Um negro. Um negro. Um negro. Então, não! Vocês não podem se fantasiar de nós no dia das bruxas e alegrar ironia ou ignorância. Não podem mais.

Mais desconfortável ainda para essa sociedade, é colocar uma mulher negra como portadora dessa voz que lhes diz o que é ou não permitido fazer. É justamente isso que a série faz: dar voz, literal e figurativamente, para a perspectiva e a vivência negra.

A Netflix vem mostrando uma preocupação crescente na questão da representatividade e na qualidade e profundidade da representação de diversos grupos sociais em seus produtos. O personagem Titus Andromedon (Tituss Burgess) de *Unbreakable Kimmy Schmidt* (Tina Fey, Robert Carlock, 2015-presente) carrega o valor simbólico de ser um personagem gay, negro e gordo, em uma realidade de escassez de personagens LGBTQs negros no audiovisual. Titus foge dos padrões clássicos de masculinidade disseminados até mesmo em meios gays e faz parte do elenco principal da série quando o habitual é que esses personagens ocupem papéis coadjuvantes. Em *Orange is the new black* (Jenji Cohan, 2013-presente), série que mostra os conflitos entre as detentas de uma prisão para mulheres, não é incomum vermos personagens negras, lésbicas, transexuais, latinas, asiáticas e fora dos padrões de beleza e juventude almejados pelos produtos midiáticos. Muitas dessas personagens condensam em si características alvos de discriminação de diversos grupos minoritários, como Pussey e Suzanne, negras e lésbicas, Sophia Buset, transexual negra, Big Boo, lésbica com características consideradas masculinas. São, no geral, personagens de construção multidimensional, o que faz com que tenham defeitos, qualidades, contradições e vivências múltiplas que as tiram do caráter de únicos representantes de um grupo social, afinal, ser o personagem negro ou homossexual (ou

qualquer outra minoria social) não precisa ser o único objetivo de um personagem na narrativa.

*Cara gente branca* atende a esse propósito, pois cria personagens que são, acima de tudo, humanos que precisam lidar, cada qual com suas limitações, com um vilão que não é individual, e sim uma estrutura social invisível que percorre todos os âmbitos de suas vidas. Dentro dos conflitos pessoais de cada um estão pautadas várias questões raciais importantes. Ao focar nos debates engendrados na construção das personagens de Samantha White e Coco Conners e da relação entre as duas foi necessário deixar de tocar em outros diversos temas que a série aborda, a maioria dos quais exigiriam um debate ainda mais aprofundado.

É importante lembrar que série não mostra um só caminho possível de debate, mas percorre nuances envolvidas nas diversas questões raciais, sem, no entanto deslegitimar os mecanismos pessoais de cada personagem na luta pela igualdade. *Cara gente branca* nos provoca a pensar naquilo que é pessoal e é também político, como já havia escrito em 1969 a feminista estadunidense Carol Hanish.

## REFERÊNCIAS

CHINEN, Nobuyoshi. **O papel do negro e o negro no papel.** Representação e representatividade dos afrodescendentes nos quadrinhos brasileiros. Dissertação de doutorado, Universidade de São Paulo, 2013.

DJOKIC, Aline. **Colorismo:** o que é como funciona. Geledés: Instituto da Mulher Negra – Combate ao racismo, preconceito, discriminação e violência contra a mulher. Em defesa dos direitos humanos. São Paulo, 2015. Disponível em: <<http://www.geledes.org.br/colorismo-o-que-e-como-funciona/>> Acesso em: mai de 2017.

GUIMARÃES, Antonio Sérgio A. **Como trabalhar com “raça” em sociologia.** Educação e Pesquisa, São Paulo, v.29, n.1, p. 93-107, jan./jun. 2003.

HALL, Stuart. Quem precisa de identidade? In: SILVA, Tomas Tadeu da (org). **Identidade e diferença: A perspectiva dos estudos culturais**, Stuart Hall, Kathrin Woodward. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, p. 103-133, 2000.

Hanisch, Carol. **The Personal Is Political**. The Women's Liberation Movement Classic with a New Explanatory Introduction. Disponível em: <http://carolhanisch.org/CHwritings/PIP.html> acesso em setembro de 2017.

MONTIEL, Angie Gloriela M. **OS LABIRINTOS IDEOLÓGICOS DA CRIAÇÃO ARTÍSTICA: UMA ANÁLISE DA EXPOSIÇÃO E QUE FOI DE COCORÍ?** Pós: Revista do Programa de Pós-Graduação em Artes, v. 5, p. 28-43, 2015.

MUNANGA, Kabengele. **Negritude Afro-Brasileira: Perspectivas e Dificuldades**. REVISTA DE ANTROPOLOGIA, São Paulo, v. 33, p. 109-117, 1992.

\_\_\_\_\_. **Uma abordagem conceitual das noções de raça, racismo, identidade e etnia**. In: Programa de Educação sobre o Negro na Sociedade Brasileira. André Augusto P. (org). Niterói: EdUFF, p. 16-34, 2000.

SILVA, Tomaz Tadeu da. A produção social da identidade e da diferença. In: SILVA, Tomas Tadeu da (org). **Identidade e diferença: A perspectiva dos estudos culturais**, Stuart Hall, Kathrin Woodward. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, p. 73-102, 2000.

WOODWARD, Kathryn. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, Tomas Tadeu da (org). **Identidade e diferença: A perspectiva dos estudos culturais**, Stuart Hall, Kathrin Woodward. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, p. 7-72, 2000.

## FILMES

CANTOR de Jazz, O. (The Jazz Singer). Alfred A. Cohn. EUA, 1927.

NASCIMENTO de uma nação, O. (The birth of a nation). D. W. Griffith. EUA, 1915.

## SÉRIES

13 REASONS WHY. Criação: Brian Yorkey. EUA: Netflix, 2017-presente.

CARA GENTE BRANCA (Dear White People). Criação: Justin Simiens. EUA: Netflix, 2017-presente.

ORANGE IS THE NEW BLACK. Criação: Jenji Kohan. EUA: Netflix, 2013-presente.

UNBREAKABLE KIMMY SCHMIDT. Criação: Tina Fey; Robert Carlock. EUA: Netflix, 2015-presente.